



O PAPEL DO TUTOR EM CURSOS A DISTÂNCIA BASEADOS EM AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM

Antônio Artur de Souza
Rosemary da Paixão Oliveira
Ana Cláudia Linhares Terra
Ligiana Ferreira de Oliveira

Resumo

Em cursos a distância, cabe ao tutor a promoção de interatividade, buscando identificar as dificuldades e limitações de cada aluno. O tutor precisa conhecer cada aluno em termos de sua participação no ambiente de aprendizagem. Para tanto, deve procurar fazer uso das várias tecnologias da informação e de comunicação disponíveis. Em um ambiente cada vez mais rico de tecnologias, o papel do tutor tem se expandido e requer muita atenção dos gestores dos cursos a distância. O presente artigo apresenta uma discussão sobre o papel do tutor em cursos a distância, enfocando relações interpessoais, interatividade e autonomia do aluno. As possibilidades de comunicação a disposição dos tutores e alunos aproximam o ensino a distância do ensino presencial. Cuidados devem ser tomados em relação ao meio como se promove a interatividade, ou seja, a comunicação deve ser primorosa e para tanto o design didático deve ser desenvolvido com cautela. Outro ponto importante para a promoção da interatividade é o feedback construtivo, criado pelo tutor. É preciso identificar as características dos alunos e saber explorá-las, já que se trata de um ambiente com pessoas distintas e de diferentes contextos e conhecimentos. O tutor precisa considerar que em princípio todo aluno quer aprender, apesar das limitações (restrições) que enfrenta no curso.

Palavras-chave: Tutoria a distância; Interatividade; Design didático.

1. Introdução

Não há um único modelo para a educação a distância (EAD). O currículo do curso, o perfil dos estudantes, a infraestrutura da instituição que oferece o curso, a facilidade de locomoção dos alunos para atividades presenciais e a disponibilidade de tempo dos alunos são fatores que determinam a forma como o curso pode ser desenvolvido. Há ainda diversos outros fatores que devem ser considerados, como os requisitos legais (e.g. diretrizes curriculares). Não adianta dispor de tecnologia de ponta se os alunos não têm condições de pagar pelo curso. Como exemplo, a infra-estrutura e as tecnologias da informação e de comunicação precisam ser dosadas em conformidade com o poder aquisitivo dos alunos, mas não se pode comprometer a qualidade do curso. A infra-estrutura deve ser suficiente para garantir que o curso atenda às diretrizes curriculares e aos padrões de qualidade pertinentes.

A EAD se caracteriza pelo ensino e pela aprendizagem mediada por diferentes tipos de mídias, de materiais impressos a áudio, vídeos e textos apresentados via computador e telefones celulares (Rossato, 2010, p.13). Uma ferramenta como o Moodle facilita a disponibilização de diferentes tipos de mídias para os alunos. Possibilita ainda a interação de forma facilitada entre professor e aluno e entre os alunos, por meio de recursos como o chat, o e-mail interno, o fórum e o wiki. Ainda como atividades de comunicação podem ser citados os questionários (enquetes) e o calendário. O Moodle também pode ser visto como um local (virtual) de encontro entre professor e alunos, bem como entre alunos.

A plataforma Moodle oferece um conjunto bastante completo de ferramentas síncronas e assíncronas que tornam muito fácil a interação dos usuários (professores, tutores e alunos). Cada curso pode usar uma combinação de ferramentas que atenda adequadamente aos seus objetivos, levando em consideração a estrutura curricular do curso e o perfil dos professores e alunos. Trata-se de uma plataforma baseada em uma abordagem social construtivista, tanto no seu desenvolvimento como na forma de ser utilizado (CAMPOS; COSTA; SANTOS, 2007, p. 44). O professor usa o Moodle para criar um ambiente de aprendizagem focado nos estudantes, de forma que estes possam construir seus próprios conhecimentos.

As atividades formativas (tarefa, lição, base de dados, wiki, etc) disponíveis no Moodle facilitam o processo de aprendizagem. O aprendizado se dá de diversas formas, escrita, leitura, visualização, memorização, etc, o que pode ser facilitado com os recursos do Moodle. Segundo Okada (2009, p. 63), os recursos do Moodle facilitam a realização de diversas atividades pedagógicas e promovem a interação colaborativa. Uma outra característica do Moodle é a facilidade de customização, pois é um software de código aberto. Ele pode ter sua interface alterada para facilitar a interação com alunos e professores, mas requer bons programadores. Em princípio, tudo que pode ser colocado na web pode ser integrado via o Moodle. Assim, pode-se dizer que serve como um ambiente integrador de diversas mídias.

Ao tutor cabe a promoção de interatividade, buscando identificar as dificuldades e limitações de cada aluno. Para tanto, o tutor precisa ser dedicado e dispor de tempo. Não pode apenas “cumprir” seu tempo previsto para o curso. Se o tutor apenas executar suas tarefas formais, a interatividade estará muito comprometida. É preciso “promover” a interatividade, ou seja, ser ávido e criativo em relação a trazer o aluno para o ambiente do curso. Segundo Vidal e Silva (2010), esta convivência favorece a aquisição do saber, na medida em que permite a troca de conhecimentos e experiências.

O tutor precisa conhecer cada aluno em termos de sua participação no ambiente de interação do curso, ou seja, no chamado ambiente de aprendizagem. Várias são as tecnologias da informação e de comunicação que podem ser usadas para a criação deste ambiente. E-mails

individuais, comunicação pear-to-pear (MSN, Google talk, etc.) e o velho telefone podem ser necessários para atingir o aluno e motivá-lo a interagir com os colegas e com os professores neste ambiente, que se mostra nos tempos atuais como quase que totalmente virtual. Segundo Souza e Araújo (2010), “a partir de 1990 começou-se a perceber o avanço tecnológico através da internet para o ensino-aprendizagem: interatividade, autonomia e flexibilidade”. Em um ambiente cada vez mais rico de tecnologias, o papel do tutor tem se expandido e requer muita atenção dos gestores dos cursos a distância.

O presente artigo apresenta uma discussão sobre o papel do tutor em cursos a distância, enfocando relações interpessoais, interatividade e autonomia do aluno. Procura-se relacionar o trabalho do tutor com temas críticos para seu sucesso como agente ativo em cursos a distancia.

O artigo está estruturado em 7 seções, incluindo esta introdução. Na segunda seção é apresentada uma revisão sobre ambientes virtuais de aprendizagem, seguida por uma seção sobre design didático. Na quarta seção é apresentada uma revisão e discussão sobre relações interpessoais em ambientes de aprendizagem. A quinta seção tem como foco a construção da autonomia do aluno. Uma discussão sobre as ações do tutor em ambientes interativos de aprendizagem é apresentada na sexta seção. A seção 7 apresenta as conclusões.

2. Ambientes Virtuais de aprendizagem

O Ambiente de Aprendizagem (AA) é um elemento crucial na educação a distância (EAD). Na era da Internet, o AA é virtual e acessível via computador ou outro dispositivo com acesso à web. Na década de 80, o AA de cursos a distância era muito diferente, restrito unicamente à correspondência via correios (Souza e Araújo, 2010). A maioria dos poucos cursos disponíveis no Brasil naquela época não fazia uso de nenhum outro recurso, apenas correspondência e textos impressos em papel.

Desde o século XIX, a EAD contava com o uso dos correios para transmitir informações e instruções aos alunos e receber destes as respostas às lições propostas, funcionava como alternativa empregada principalmente na educação não formal (Almeida, 2002). Há muitos anos o rádio e a TV têm sido usados como AA, mas a interatividade era limitada e o aluno se manifestava apenas por meio de correspondências e telefone (Flórido e Soares, 2005).

Com a evolução tecnológica, o papel do professor também evoluiu, chegando na consolidação da figura do professor tutor. O tutor torna o AA muito mais interativo. Diálogos apenas com o computador são difíceis para muitas pessoas. De acordo com Litwin (apud Souza e Araújo, 2010), diferentes tecnologias têm sido incorporadas ao ensino ao longo do tempo e vêm redefinindo a forma com os professores interagem com os alunos, em especial na EAD.

A tecnologia requer muito preparo técnico e rigor disciplinar do aluno. Um dos pontos críticos da EAD é a evasão dos alunos em decorrência de não se adaptarem à tecnologia. Em um AA completamente automatizado esta dificuldade se intensifica, pois requer contato direto e continuado com a tecnologia. O trabalho desenvolvido pelo tutor e os textos de apoio disponibilizados aos alunos minimizam este problema promovendo a interatividade por meio de um diálogo mais próximo do presencial.

De acordo com Prado e Valente (2002), atuar no AA significa expressar pensamentos, tomar decisões, dialogar, trocar informações e experiências e produzir conhecimento. As interações por meio dos recursos disponíveis no AA propiciam as trocas individuais e a constituição de grupos colaborativos que interagem, discutem problemas e temas de interesse comum, pesquisam e criam produtos e ao mesmo tempo os desenvolvem.

A etimologia da palavra tutor traz implícito o termo tutela e proteção, comuns na área jurídica, como por exemplo na defesa de uma pessoa menor ou necessitada (SÁ, 1998).

3. Design Didático

O design é uma atividade muito presente na vida moderna, mas nem sempre é percebido ou reconhecido pelas pessoas, sobretudo quando se trata de elementos intangíveis. Como referência à criação e especificação de um artefato, o design é um termo que tem sido traduzido como projeto e desenho. Na área educacional o design está presente desde o curso como um todo até os materiais didáticos usados nas aulas. Todo curso, toda disciplina e todo material didático devem ser resultantes de um processo de design.

O design em geral e também na área educacional é sempre influenciado pelos avanços tecnológicos, bem como pelas mudanças sociais e culturais decorrentes. Assim, a tecnologia afeta o design educacional tanto direta como indiretamente. A título de exemplo, o computador e a Internet estão presentes em praticamente todos os aspectos da vida atual, alteram a forma como vemos nossa sociedade e ampliam a capacidade de nossas funções cognitivas (Costa & Marins, 2011).

O design didático, também conhecido como design instrucional ou projeto didático, é um processo muito importante no desenvolvimento de cursos e que precisa ser desenvolvido por equipes multidisciplinares (Roque & Castro, 2011). Esse processo deve considerar a concepção pedagógica do curso, os seus pressupostos didáticos e seu público alvo, assim como o conteúdo a ser abordado.

Segundo Gustafson & Branch (2002), o design didático é um sistema de procedimentos para o desenvolvimento consistente e confiável de programas de educação e treinamento. Trata-se de um processo complexo, por ser criativo, ativo e interativo. Os referidos autores explicam que os profissionais do design didático empregam procedimentos sistemáticos de projeto para tornar a instrução (ensino) mais eficaz, eficiente e relevante em relação àquelas desenvolvidas por outros meios. Há na literatura referências a diversos processos de design didático, mas praticamente todos incluem os seguintes elementos centrais: análise, projeto, desenvolvimento, implementação e avaliação (Thomas *et al.*, 2002)

O design didático precisa seguir alguns princípios para que seja eficaz. Cada instituição precisa se preparar para esse processo, constituindo uma equipe adequada e formalizando suas políticas (regras) a serem seguidas. Uma das maneiras de formalizar o modo de trabalho da equipe de design didático é por meio de um manual, a exemplo do manual do Centro de Ensino e Aprendizagem da Universidade do Missouri (UMSL, 2011). O manual é resultado de um trabalho cooperativo de cinco universidades norte-americanas, que contou com financiamento público por ser considerado estratégico.

No referido manual é apresentado de forma sintética um processo com 7 etapas, cada uma delas com instruções para quem for realizar um design didático de EAD. As etapas se relacionam com questões fundamentais que devem ser consideradas no processo de design instrucional: 1. Quais são as necessidades para o programa educacional? 2. Quais são as metas e objetivos? 3. Quem serão os alunos? 4. Qual será o conteúdo (mensagem)? 5. Quais os métodos de ensino e mídia (tecnologia) serão usados? 6. Como os alunos serão avaliados? 7. Como o curso ou aula será avaliado com uma perspectiva de melhoria?

Para Silva et al. (2002), “Design e criatividade são duas palavras que se encontram e se completam, uma vez que uma é a razão de ser da outra. Segundo esses autores, criatividade se refere aos processos e mecanismos do pensamento associados ao novo, à imaginação, ao entusiasmo, à inovação, originalidade, inspiração, capacidade intuitiva, ousadia, improvisação e imprevisibilidade, dentre outras.

Segundo Maldonato & Dell'Orco (2010), “a extraordinária quantidade de informações em circulação fez as expectativas humanas crescerem”, mas “enfraqueceu a criatividade, a autonomia e a escolha responsável dos homens”. Assim, é importante que o processo de design didático seja desenvolvido com a preocupação de incentivar a criatividade. Precisa então fazer uso das inovações tecnológicas e sociais como mecanismos que incentivem os alunos e promovam sua criatividade.

O uso de imagens, por exemplo, pode despertar interesse no aluno e incentivar sua criatividade a partir das possibilidades de relacionamento entre o conteúdo escrito e as mensagens que podem ser interpretadas a partir da visualização de uma imagem. Segundo apontam Sartori & Roesler (2004, pag. 4), a imagem é informação e “pressupõe interpretação daquele que a vislumbra”, ou seja, “a imagem para o espectador é o retrato de sua percepção”. Esses autores ainda destacam os avanços da informática têm ampliado drasticamente as possibilidades de criação, manipulação e uso de imagens em materiais didáticos.

Aqda et al. (2011) apresentam alguns procedimentos para incentivar a criatividade: criar objetivos de criatividade e incluí-los nos objetivos específicos da matéria ou disciplina, procurar oportunidades para a ampliação da criatividade nos seus esquemas de trabalho e planos das aulas; e desenvolver atividades que sejam autênticas pessoal e culturalmente ante os interesses e as experiências dos alunos. Afirmam ainda que o planejamento deve considerar uma variedade de estilos de ensino e de aprendizagem para que o maior número possível de alunos possa ter oportunidade de mostrar sua criatividade.

Consoante esses autores, atividades teatrais em sala de aula podem aumentar o envolvimento imaginativo dos alunos e dar-lhes liberdade para explorar idéias. Na visão desses autores, para os quais a criatividade é o ponto central do trabalho educacional no século XXI, experimentos práticos, atividades de resolução de problemas, discussão e trabalho cooperativo são exemplos de atividades que proporcionam excelente oportunidade para o comportamento e o pensamento criativo.

O design didático está presente também no ensino presencial, tanto que se pode observar que há muitos livros que dispõem de grande riqueza de recursos para facilitar o processo de aprendizagem. No início de cada capítulo desses livros são explicitados os objetivos de aprendizagem e, ao longo do texto, esses objetivos são retomados para destacar ao aluno que eles estão de fato sendo cumpridos. Alguns contam inclusive com recursos disponíveis na Internet, os quais podem ser acessados tanto livremente como por meio de acesso controlado por senha.

Esses livros são voltados para o ensino presencial, mas já incluem alguns dos princípios para elaboração de materiais para a EAD. Apresentam exemplos práticos, casos do mundo real, questões para fixação do conteúdo, bem como problemas e casos para serem solucionados pelos alunos. Fazem uso dos recursos da internet como um complemento ao texto. Alguns apresentam casos já resolvidos, resumos e outros complementos por meio da Internet. Pode-se dizer que os avanços no design instrucional promovidos pela EAD estão já presentes na educação tradicional.

É difícil e desafiador desenvolver materiais que correspondam aos objetivos da disciplina e às expectativas dos alunos. Em especial, é difícil aproveitar apropriadamente os recursos tecnológicos disponíveis de forma a não perder o foco nos objetivos do curso e nas expectativas dos alunos.

As tecnologias da informação e comunicação se mostram como um grande desafio no contexto do design de materiais didáticos. Há muitas oportunidades de aproveitamento da tecnologia. Outro ponto muito crítico nesse processo é a avaliação das necessidades de conteúdo da disciplina, que a rigor deve ser realizada antes do desenho (design) do material e antes de cada novo oferecimento da disciplina. O mercado de trabalho e a sociedade de uma maneira geral estão continuamente exigindo atualização nos cursos e em seus materiais

didáticos. O design instrucional precisa responder a essas demandas. Precisa continuamente se reinventar, o que requer pesquisa e inovação.

As possibilidades de comunicação a disposição dos tutores e alunos aproximam o ensino a distância do ensino presencial. Esta argumentação pela “monitoração próxima” do aluno não significa “carregar” o aluno nos braços. Significa criar oportunidades para o aluno persistir no curso. Isto também ocorre no ensino presencial. Um conselho e/ou um elogio do professor podem ser muito importantes para alguns alunos.

Além de bem escritos, os textos de mensagens e avisos precisam transmitir “sinais” e “sentidos” que os tornem mais “facilmente aceitos” pelos alunos. Mensagens “ásperas”, “frias” e “insensíveis” aos poucos podem desmotivar e desanimar os alunos. Portanto, cuidados devem ser tomados em relação ao meio como se promove a interatividade, ou seja, a comunicação deve ser primorosa. Um outro ponto importante para que se tenha um AA com interatividade é o feedback construtivo, criado pelo tutor.

Há tutores que “economizam” palavras ao comentar sobre as atividades (tarefas) realizadas pelos alunos. Assim como no ensino presencial, é muito importante que os tutores sejam criativos e que utilizem critérios previamente definidos ao fazer as correções. Ao receber um feedback incompleto, falho e superficial, o aluno pode “perder” a confiança no tutor. Como vai interagir com um tutor no qual não confia? Interatividade sem confiança é possível?

Segundo Ferreira e Rezende (2004), o tutor deve acompanhar, motivar, orientar e estimular a aprendizagem autônoma do aluno, utilizando-se de metodologias e meios adequados para facilitar a aprendizagem. Através de diálogos, de confrontos, da discussão de diferentes pontos de vista, de diversidades culturais e/ou regionais e do respeito entre formas próprias de se ver e de se posicionar frente aos conhecimentos, o tutor assume função estratégica na interatividade na EAD.

4. Relações interpessoais no ambiente de aprendizagem

A educação à distância (EAD) é um processo de ensino-aprendizagem que vem conquistando cada vez mais espaço no cenário educacional. Sua principal característica atualmente é o uso intensivo de tecnologias de informação e comunicação (TICs). Nesta forma de ensino é necessário que exista um ambiente de estudo adequado, assim como também é necessário no ensino presencial. A qualidade do processo educativo depende do envolvimento do aluno, dos materiais veiculados, da estrutura e qualidade de professores, tutores, monitores e das ferramentas e recursos tecnológicos utilizados no ambiente (PEREIRA, SCHIMITT e DIAS, 2007). O trabalho do tutor é muito importante para promover o envolvimento do aluno.

Por ser um processo de aprendizado mediado por tecnologias e mídias no qual os professores, tutores e alunos estão espacial e temporariamente distantes, um dos fatores de suma importância para um ensino com qualidade é a interatividade. Um exemplo de interação na EAD é comunicação por meio das ferramentas disponíveis nos ambientes virtuais de aprendizagem (AVAs), que é facilitada pelo tutor. A interação (entre alunos e tutores) pode ultrapassar os limites dos AVAs, por meio de e-mails e de redes sociais, por exemplo. A qualidade da interação depende muito das ações desenvolvidas pelo tutor, mas também da forma como o tutor leva a cabo essas ações. O tutor deve ser dinâmico, ter visão crítica e global, ser responsável, ter capacidade de lidar com situações novas e inesperadas e deve saber trabalhar em equipe (JAEGER e ACCORSSI, 2010).

Na EAD, os recursos tecnológicos conjugados com o apoio tutorial devem constituir um ambiente que promova o desenvolvimento do conhecimento dos alunos. Devem possibilitar uma mediação entre professores, conteúdos didáticos e alunos de forma que a

distância não seja empecilho para o processo de aprendizagem. Além do material didático, é importante que o espaço virtual seja organizado e objetivo, com textos interativos e auto-explicativos. O trabalho do tutor é essencial para que o aluno desempenhe seu papel com sucesso. As atribuições do tutor são muitas e não há como definir de forma precisa as suas ações. As competências e habilidades do tutor se mostram fundamentais para esse processo de interação e para a promoção de uma aprendizagem colaborativa (Gonçalves, 2008).

Segundo Riccio, Silva e Souza (2007), “as competências necessárias ao exercício da tutoria são três: a técnica, a gerencial e a pedagógica”. Na técnica, o tutor deve ter domínio dos recursos tecnológicos, capacidade de socialização de saberes com os alunos, capacidade para elaborar relatórios técnicos. Na gerencial, deve ter habilidade de planejamento a curto e médio prazo, prontidão na reformulação de estratégias para a solução de problemas, e autonomia na tomada de decisões. Na dimensão pedagógica, o tutor deve ter domínio do conteúdo específico a ser trabalhado, habilidade para estimular a busca de resposta pelo aluno, disposição para continuar aprendendo, domínio de técnicas motivacionais, conhecimento de recursos didáticos, domínio dos critérios de avaliação do curso. Deve sempre estar atento à sua didática, já que se trata de uma modalidade diferenciada de ensino e cheia de desafios.

As relações interpessoais na EAD são diferentes da educação tradicional. A interação realizada essencialmente por meio de recursos tecnológicos (e.g. fórum e chat) requer atenção especial do tutor. Segundo Alves e Nova (2003), o tutor é um agente organizador que tem como função a orientação e a construção do conhecimento e da auto-aprendizagem do aluno. Um dos desafios do tutor é usar as TICs para o desenvolvimento de um ambiente de aprendizagem estimulante e interativo, para tanto precisa dispor de habilidades interpessoais, como liderança, confiança, tomada de decisão e disposição para aprender (Wissmann, 2006).

Segundo Capelo (2005), a abordagem centrada no aluno desenvolvida por Rogers pressupõe que os cursos tem o objetivo de desenvolver os alunos de uma forma plena, bem como conduzir esses alunos para a auto-realização. Os cursos devem facilitar a aprendizagem auto-dirigida. Dois conceitos são centrais nesta abordagem, a tendência atualizante e a não-diretividade. O primeiro diz respeito à tendência das pessoas em desenvolver todas as suas potencialidades em benefício de sua conservação e enriquecimento. O segundo pressupõe que as pessoas têm em si próprias condições de auto-compreensão e que são capazes de alterar suas atitudes e comportamento.

Assim, cabe ao tutor identificar as características de cada aluno e saber explorá-las, já que se trata de um ambiente com pessoas distintas e de diferentes contextos e conhecimentos. O tutor, para promover essa relação com o aluno a ponto de poder conhecê-lo melhor, deve usar estratégias diferentes da educação tradicional, precisa de um diferencial. O tutor não deve apenas produzir materiais e meios de transmitir conhecimento, mas deve também ser um intercessor numa aprendizagem que liga conhecimento adquirido com conhecimento já obtido. A atuação do tutor deve levar em consideração a figura do aluno, mantendo uma relação amigável, promovendo sociabilidade, demonstrando sensibilidade e promovendo a motivação.

5. Construção da autonomia do aluno

Para desenvolver a autonomia do aluno, os cursos precisam tê-lo como foco, não o professor. Essa é a estrutura desejada da EAD. Essa mudança no foco tem sido chamada de *format-shifting paradigm* (Li, 2003), ou paradigma da mudança do formato, de presencial para a distância. Ela gera descontentamento nos alunos, por conta de insegurança, incerteza e desconforto. Neste contexto, o diálogo pedagógico é um fator essencial para que o aluno da EAD tenha sucesso, e o tutor tem um papel decisivo para fazer com que os alunos se sintam seguros, para que consigam romper com a postura passiva advinda da educação presencial.

O estudo autônomo é facilitado se o tutor promove a interatividade e apresenta aos alunos novas formas de desenvolvimento do aprendizado. Alunos formados e moldados na educação tradicional enfrentam algumas barreiras quando ingressam na EAD, pois nela precisam buscar conteúdos por conta própria e para tanto precisam desenvolver novas atitudes. Um dos desafios do tutor é atuar para que o processo de ensino-aprendizagem promova a responsabilidade do aluno em relação ao auto-estudo e o desenvolvimento das capacidades de auto-aprendizagem (Lapa, 2008; Alcantara, 2006).

Na EAD, o desafio da participação ativa do tutor no desenvolvimento da autonomia do aluno é difícil, talvez até mais difícil que na educação presencial. O aluno da EAD que teve a formação na educação presencial pode precisar de suporte para se adaptar ao modelo de aprendizagem a distância. Segundo Maravalhas et al (2010), a EAD é mais apropriada para adultos com maturidade e motivação para a auto-aprendizagem. Assim, contribuir para a construção da autonomia dos alunos é difícil porque eles são muito diferentes. Enquanto uma ação do tutor motiva alguns alunos a aprofundarem por conta própria o aprendizado, pode ser sem efeito ou ter efeito negativo para outros. A interatividade promovida pelo tutor facilita a integração dos diferentes alunos, por meio do compartilhamento de suas experiências.

Hurd (2005) discute a capacidade de reflexão dos alunos como elemento essencial no processo de exercer a autonomia. Reflexão é rever as experiências passadas e procurar aprender com elas. É, portanto, uma construção de conhecimento sobre si próprio e sobre o que ocorre em seu entorno (ambiente). O processo de reflexão é um componente do processo de ensino-aprendizagem, pois embasa o aprendizado e é vital para a prática profissional decorrente do que se aprende. A reflexão crítica é o processo de compreender, analisar, reconsiderar e questionar as experiências passadas. O feedback do tutor desenvolve nos alunos a capacidade de reflexão crítica e de auto-gestão, ou seja, contribui para que eles próprios se sintam capazes para corrigir e aprimorar suas ações de estudo.

O tutor precisa acreditar no aluno, precisar incentivá-los a desenvolver conhecimentos dentro e fora dos limites do ambiente de aprendizagem (Simões, 2010). Ao acreditar no aluno e contribuir para sua formação, o tutor interfere positivamente na sua capacidade de criticar tanto o conhecimento ao qual tem acesso como o seu ambiente de aprendizagem. Segundo Moran (2000), o tutor é um professor que deixa de ser informador e repassador de conteúdos para assumir uma função de orientador de aprendizagem e de gerenciador de comunicação. Ele deve considerar que todo aluno quer aprender, apesar das limitações (restrições) que enfrenta.

Segundo Kasworm e Yao (1992, apud Thomas e Owen, 2007), ajudar o aluno da EAD a desenvolver a habilidade de ser um agente independente (dirigido ou guiado por si próprio) em suas próprias experiências contribui para a construção interativa de significados e para o desenvolvimento de habilidades do tipo “aprender como aprender”. Além disso, cria-se um ambiente propício para aprendizagem relevante de forma autônoma. Assim, o aluno se torna ativo em termos de auto-direcionamento (autonomia) uma vez que se engaja nas decisões operacionais (executivas) do processo de aprendizagem. Ou seja, o aluno participa do controle das ações do aprendizado, interage com mais desenvoltura e desenvolve sua autonomia.

As novas tecnologias têm possibilitado a criação de novas atividades didáticas, tornando o computador uma ferramenta que pode facilitar e motivar o estudo autônomo. Weininger (1996), por exemplo, já em 1996 discutia o papel da tecnologia na mudança no ensino de línguas estrangeiras. Nesse contexto, o tutor pode atuar para aproximar os alunos das tecnologias e promover seu uso de forma a incentivar a autonomia do aluno. Tanto tutor como aluno precisam de destreza no uso dessas tecnologias. Dominar as tecnologias significa estudá-las. As TICs facilitam o estudo autônomo, mas requerem seu domínio. Uma das funções desejadas do tutor é pesquisar continuamente sobre as formas de melhor utilizar essas

tecnologias para promover o aprendizado. Há ainda muitas oportunidades para se ampliar o uso dessas tecnologias para promover e facilitar o estudo autônomo.

6. Ações do tutor em ambientes interativos de aprendizagem

O Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) é um elemento crucial na educação a distância (EAD). Com a evolução tecnológica, o AVA vem se tornando um elemento cada vez mais completo. O papel do professor da EAD também evoluiu muito com a tecnologia, chegando na consolidação da figura do professor tutor. O AVA hoje se apresenta com uma ferramenta que possibilita a interação de forma muito ampla e variada, com grande potencial para contribuir para a construção do conhecimento de forma cooperativa. Na EAD, os recursos tecnológicos conjugados com o apoio tutorial devem formar um ambiente que promova o desenvolvimento do conhecimento dos alunos. O tutor é uma peça essencial para tornar o AVA mais interativo, fazendo uso adequado das diversas ferramentas disponíveis.

De acordo com Litwin (apud Souza e Araújo, 2010), diferentes tecnologias têm sido incorporadas ao ensino ao longo do tempo e vêm redefinindo a forma com os professores interagem com os alunos, em especial na EAD. A tecnologia requer muito preparo técnico e rigor disciplinar do aluno. O trabalho desenvolvido pelo tutor e os textos de apoio minimizam este problema, promovendo a interatividade por meio de um diálogo mais próximo do presencial. Ao tutor cabe a promoção de interatividade, buscando identificar as dificuldades e limitações de cada aluno. Para tanto, precisa ser dedicado, dispor de tempo e tratar os alunos com cortesia. Não pode apenas “cumprir” seu tempo previsto para o curso. Se o tutor apenas executar suas tarefas formais, a interatividade estará muito comprometida. É preciso “promover” a interatividade, ou seja, ser ávido e criativo em relação a trazer o aluno para o AVA. Segundo Vidal e Silva (2010), esta convivência favorece a aquisição do saber, na medida em que permite a troca de conhecimentos e experiências.

O tutor precisa conhecer cada aluno em termos de sua participação no AVA. E-mails individuais, comunicação *peer-to-peer* (MSN, Google Talk, etc.) e o velho telefone podem ser necessários para atingir o aluno e motivá-lo a “voltar” para o AA. As possibilidades de comunicação a disposição dos tutores e alunos aproximam o ensino a distância do ensino presencial. Esta argumentação pela “monitoração próxima” do aluno não significa “carregar” o aluno nos braços. Significa criar oportunidades para o aluno persistir no curso. Um conselho e/ou um elogio do professor podem ser muito importantes para alguns alunos.

Além de bem escritos, os textos de mensagens e avisos enviados pelo tutor precisam transmitir “sinais” e “sentidos” que os tornem mais “facilmente aceitos” pelos alunos. Mensagens “ásperas”, “frias” e “insensíveis” aos poucos podem desmotivar e desanimar os alunos. Portanto, cuidados devem ser tomados em relação ao meio como se promove a interatividade, ou seja, a comunicação deve ser primorosa. Outro ponto importante para que se tenha um AVA com interatividade é o *feedback* construtivo, criado pelo tutor. É muito importante que os tutores sejam criativos e que utilizem critérios previamente definidos ao fazer as correções. Ao receber um *feedback* incompleto, falho e superficial, o aluno pode “perder” a confiança no tutor.

O tutor deve acompanhar, motivar, orientar e estimular a aprendizagem autônoma do aluno, utilizando-se de metodologias e meios adequados para facilitar a aprendizagem. O trabalho do tutor é muito importante para promover o envolvimento do aluno. Através de diálogos, de confrontos, da discussão de diferentes pontos de vista, de diversidades culturais e/ou regionais e do respeito entre formas próprias de se ver e de se posicionar frente aos conhecimentos, o tutor assume função estratégica na interatividade na EAD. A qualidade do processo educativo depende do envolvimento do aluno, dos materiais veiculados, da estrutura e qualidade de professores, tutores, monitores e das ferramentas e recursos tecnológicos

utilizados no ambiente (PEREIRA, SCHIMITT e DIAS, 2007). Algumas das principais características do bom tutor incluem ser dinâmico, ter visão crítica e global, ser responsável, ter capacidade de lidar com situações novas e inesperadas e deve saber trabalhar em equipe (JAEGER e ACCORSSI, 2010). As atribuições do tutor são muitas e não há como definir de forma precisa as suas ações, por isso as competências e habilidades do tutor se mostram fundamentais para esse processo de interação e para a promoção de uma aprendizagem colaborativa (Gonçalves, 2008).

Os tutores precisam das chamadas *soft skills* (Bernthal, 2010), que abrange habilidades relacionadas com liderança e relações interpessoais, dentre outras. Na EAD, as *soft skills* e em especial as relações interpessoais são diferentes da educação tradicional. As relações interpessoais do tutor na EAD são cruciais para o sucesso do seu trabalho. A comunicação realizada via AVA requer muita atenção para que de fato seja cativante para o aluno. Assim, cabe ao tutor identificar as características de cada aluno e saber explorá-las, já que se trata de um ambiente com pessoas distintas e de diferentes contextos e conhecimentos. O tutor, para promover essa relação com o aluno a ponto de poder conhecê-lo melhor, deve usar estratégias diferentes da educação tradicional, precisa de um diferencial.

Segundo Alves e Nova (2003), o tutor é um agente organizador que tem como função a orientação e a construção do conhecimento e da auto-aprendizagem do aluno. Um dos desafios do tutor é usar as TICs para o desenvolvimento de um ambiente de aprendizagem estimulante e interativo, para tanto precisa dispor de habilidades interpessoais, como liderança, confiança, tomada de decisão e disposição para aprender (Wissmann, 2006). A atuação do tutor deve levar em consideração a figura do aluno, mantendo uma relação amigável, promovendo sociabilidade, demonstrando sensibilidade e promovendo a motivação.

Segundo Capelo (2005), a abordagem centrada no aluno desenvolvida por Rogers pressupõe que os cursos têm o objetivo de desenvolver os alunos de uma forma plena, bem como conduzir esses alunos para a auto-realização, para a aprendizagem auto-dirigida. Dois conceitos são centrais nesta abordagem, a tendência atualizante e a não-diretividade. O primeiro diz respeito à tendência das pessoas em desenvolver todas as suas potencialidades em benefício de sua conservação e enriquecimento. O segundo pressupõe que as pessoas têm em si próprias condições de auto-compreensão e que são capazes de alterar suas atitudes e comportamento.

Para desenvolver a autonomia do aluno, os cursos precisam tê-lo como foco, não o professor. Essa é a estrutura desejada da EAD. Essa mudança no foco tem sido chamada de *format-shifting paradigm* (Li, 2003), ou paradigma da mudança do formato, de presencial para a distância. Ela gera descontentamento nos alunos, por conta de insegurança, incerteza e desconforto. Neste contexto, o diálogo pedagógico é um fator essencial para que o aluno da EAD tenha sucesso, e o tutor tem um papel decisivo para fazer com que os alunos se sintam seguros, para que consigam romper com a postura passiva advinda da educação presencial.

O estudo autônomo é facilitado se o tutor promove a interatividade e apresenta aos alunos novas formas de desenvolvimento do aprendizado. Alunos formados e moldados na educação tradicional enfrentam algumas barreiras na EAD, pois nela precisam buscar conteúdos por conta própria e para tanto precisam desenvolver novas atitudes. Um dos desafios do tutor é promover a responsabilidade do aluno em relação ao auto-estudo e ao desenvolvimento da auto-aprendizagem (Lapa, 2008; Alcantara, 2006).

7. Conclusão

Na EAD, o desafio da participação ativa do tutor no desenvolvimento da autonomia do aluno é difícil, talvez até mais difícil que na educação presencial. Segundo Maravalhas et al (2010), a EAD é mais apropriada para adultos com maturidade e motivação para a auto-

aprendizagem. Assim, contribuir para a construção da autonomia dos alunos é difícil porque eles são muito diferentes. Enquanto uma ação do tutor motiva alguns alunos a aprofundarem por conta própria o aprendizado, pode ser sem efeito ou ter efeito negativo para outros. A interatividade promovida pelo tutor facilita a integração dos diferentes alunos, por meio do compartilhamento de suas experiências.

Hurd (2005) discute a capacidade de reflexão dos alunos como elemento essencial no processo de exercer a autonomia. Reflexão é rever as experiências passadas e procurar aprender com elas. É, portanto, uma construção de conhecimento sobre si próprio e sobre o que ocorre em seu entorno (ambiente). O feedback do tutor desenvolve nos alunos a capacidade de reflexão crítica e de auto-gestão, ou seja, contribui para que eles próprios se sintam capazes para corrigir e aprimorar suas ações de estudo.

O tutor precisa acreditar no aluno, precisar incentivá-los a desenvolver conhecimentos dentro e fora dos limites do ambiente de aprendizagem (Simões, 2010). Ao acreditar no aluno e contribuir para sua formação, o tutor interfere positivamente na sua capacidade de criticar tanto o conhecimento ao qual tem acesso como o seu ambiente de aprendizagem. Segundo Moran (2000), o tutor é um professor que deixa de ser informador e repassador de conteúdos para assumir uma função de orientador de aprendizagem e de gerenciador de comunicação.

O tutor deve considerar que todo aluno quer aprender, apesar das limitações (restrições) que enfrenta. Segundo Kasworm e Yao (1992, apud Thomas e Owen, 2007), ajudar o aluno da EAD a desenvolver a habilidade de ser um agente independente (dirigido ou guiado por si próprio) em suas próprias experiências contribui para a construção interativa de significados e para o desenvolvimento de habilidades do tipo “aprender como aprender”.

8. Referências Bibliográficas

ALCANTARA, C.B. Internet e autonomia na aprendizagem do Francês língua estrangeira em meio universitário: a experiência com a plataforma COL. Dissertação (Mestrado). Departamento de Letras Modernas, Universidade de São Paulo, 2006.

ALCANTARA, C.B. Internet e autonomia na aprendizagem do Francês língua estrangeira em meio universitário: a experiência com a plataforma COL. Dissertação (Mestrado). Departamento de Letras Modernas, Universidade de São Paulo, 2006.

Almeida, M. E. B.. Tecnologia e Educação a Distância: Abordagens e Contribuições dos Ambientes Digitais e Interativos de Aprendizagem. PUC, São Paulo, 2002.

Almeida, M. E. B.. Tecnologia e Educação a Distância: Abordagens e Contribuições dos Ambientes Digitais e Interativos de Aprendizagem. PUC, São Paulo, 2002.

ALVES, Lynn; NOVA, Cristiane. Educação a Distância: Uma Nova Concepção de Aprendizagem e Interatividade. São Paulo, Futura, 2003.

ALVES, Lynn; NOVA, Cristiane. Educação a Distância: Uma Nova Concepção de Aprendizagem e Interatividade. São Paulo, Futura, 2003.

AQDA, M.F. et al. **The impact of constructivist and cognitive distance instructional design on the learner's creativity.** In: *Procedia Computer Science* 3 (2011) 260–265. Disponível em <http://www.sciencedirect.com/science?_ob= MImg&_imagekey= B9865-527GFKD-X-1&_cdi=59117&_user=686413&_pii= S1877050910004199 &_origin=gateway &_coverDate=12%2F31%2F2011&_sk= 999969999&view= c&wchp=dGLzVlz-

zSkzk&md5=4fa7aaf0f5a12fd99b03167_4251cfb56&ie= /sdarticle.pdf>. Acesso em 19/04/2011.

BERNTHAL, Paul. **The state of e-learning**: Developing soft skills. Disponível em: <http://www.ddiworld.com/pdf/ddi_stateofe-learning_rr.pdf>. Acesso em 29 nov 2010.

CAMPOS, F.C.A.; COSTA, R.M.E.; SANTOS, N. Fundamentos da Educação a Distância, Mídias e Ambientes Virtuais. Juiz de Fora: Editar, 2007.

CAPELO, F.M. Aprendizagem Centrada na Pessoa. In: Revista de Estudos Rogerianos – A pessoa como centro, Nº 5, Primavera-verão 2000. Disponível em: <http://www.serprofessoruniversitario.pro.br/ler.php?modulo=13&texto=817>. Acesso em 09 nov 2010.

CAPELO, F.M. Aprendizagem Centrada na Pessoa. In: Revista de Estudos Rogerianos – A pessoa como centro, Nº 5, Primavera-verão 2000. Disponível em: <http://www.serprofessoruniversitario.pro.br/ler.php?modulo=13&texto=817>. Acesso em 09 nov 2010.

COSTA, R.M.E.M.; MARINS, V. **Design Didático**. Apostila (aula 1) da Disciplina Ambientes_Virtuais_e_Mídias_de_Comunicação, do Curso Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância – PIGEAD/LANTE/UFF. Universidade Federal Fluminense, abril de 2011.

Flórido, I.H.; Soares, S.S.K de Paula. Mediando a comunicação em tutoria. Curitiba, Editora da UFPR, 2005.

Flórido, I.H.; Soares, S.S.K de Paula. Mediando a comunicação em tutoria. Curitiba, Editora da UFPR, 2005.

GONÇALVES, A.M.H. O Perfil do Professor/Tutor em Cursos Online. Dissertação de Mestrado. Universidade Aberta, Lisboa, 2008.

GONÇALVES, A.M.H. O Perfil do Professor/Tutor em Cursos Online. Dissertação de Mestrado. Universidade Aberta, Lisboa, 2008.

Gustafson, K. L. & Branch, R. M. **What is instructional design**. In: Trends and issues in instructional design and technology. Reiser, R.A., & Dempsey, J. A. (Eds.). Upper Saddle River, New Jersey: Merrill/Prentice Hall, 2002.

HURD, S. Autonomy and the distance language learner. In: Holmberg, Boerje; Shelley, Monica and White, Cynthia eds. Distance education and languages: evolution and change. New perspectives on language and education. Clevedon, UK: Multilingual Matters, pp. 1–19. Disponível em <http://oro.open.ac.uk/622/1/Hurd_Autonomy_chapter.pdf>. Acesso em 15/11/2010.

HURD, S. Autonomy and the distance language learner. In: Holmberg, Boerje; Shelley, Monica and White, Cynthia eds. Distance education and languages: evolution and change. New perspectives on language and education. Clevedon, UK: Multilingual Matters, pp. 1–19. Disponível em <http://oro.open.ac.uk/622/1/Hurd_Autonomy_chapter.pdf>. Acesso em 15/11/2010.

JAEGER, F. P.; ACCORSSI, A. Tutoria em Educação a Distância. Disponível em <http://www2.abed.org.br/visualizaDocumento.asp?Documento_ID=86>. Acesso em 09 nov 2010.

JAEGER, F. P.; ACCORSSI, A. Tutoria em Educação a Distância. Disponível em <http://www2.abed.org.br/visualizaDocumento.asp?Documento_ID=86>. Acesso em 09 nov 2010.

LAPA, A.B. Introdução à Educação a Distância. Universidade Federal de Santa Catarina, 2008. Disponível em http://www.libras.ufsc.br/hiperlab/avalibras/moodle/prelogin/adl/fb/logs/Arquivos/textos/intro_ead/Intro_EAD_pdf_.pdf. Acesso em 13/11/2010.

LAPA, A.B. Introdução à Educação a Distância. Universidade Federal de Santa Catarina, 2008. Disponível em http://www.libras.ufsc.br/hiperlab/avalibras/moodle/prelogin/adl/fb/logs/Arquivos/textos/intro_ead/Intro_EAD_pdf_.pdf. Acesso em 13/11/2010.

LI, Sha. The format-shifting dilemma in distance education. In: The quarterly review of distance education, v. 4, n. 2, 2003, pg. 109-127. Disponível em <<http://myspace.aamu.edu/users/sha.li/home/ResearchArticle/Articles/formatshiftd.pdf>>. Acesso em 12 nov 2010.

LI, Sha. The format-shifting dilemma in distance education. In: The quarterly review of distance education, v. 4, n. 2, 2003, pg. 109-127. Disponível em <<http://myspace.aamu.edu/users/sha.li/home/ResearchArticle/Articles/formatshiftd.pdf>>. Acesso em 12 nov 2010.

MARAVALHAS, M.R.G. et AL. Novo professor, novo aluno e a educação ambiental na EAD: uma abordagem dos textos colaborativos em EAD do Curso de Formação de Tutores. 16º Congresso Internacional de Educação a Distância, Foz do Iguaçu, 2010. Disponível em <<http://www.abed.org.br/congresso2010/cd/152010213859.pdf>>. Acesso em 19 nov 2010.

MARAVALHAS, M.R.G. et AL. Novo professor, novo aluno e a educação ambiental na EAD: uma abordagem dos textos colaborativos em EAD do Curso de Formação de Tutores. 16º Congresso Internacional de Educação a Distância, Foz do Iguaçu, 2010. Disponível em <<http://www.abed.org.br/congresso2010/cd/152010213859.pdf>>. Acesso em 19 nov 2010.

MORAN, J. M. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias. In: *Informática na Educação: Teoria & Prática*, vol. 3, n.1 (set. 2000), Porto Alegre, UFGS, pág. 137-144.

MORAN, J. M. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias. In: *Informática na Educação: Teoria & Prática*, vol. 3, n.1 (set. 2000), Porto Alegre, UFGS, pág. 137-144.

OKADA, S. A Intermediação Pedagógica Múltipla no Universo das TIC e Moodle. In: Alves, L; Barros, D.; Okada, A. Moodle – Estratégias Pedagógicas e Estudos de Caso. Salvador: EDUNEB, 2009.

PEREIRA, A. T. C.; SCHMITT, V.; DIAS, M. R. A C. Ambientes Virtuais de Aprendizagem. In: PEREIRA, Alice T. Cybis. (orgs). AVA - Ambientes Virtuais de Aprendizagem em Diferentes Contextos. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna Ltda., 2007.

PEREIRA, A. T. C.; SCHMITT, V.; DIAS, M. R. A C. Ambientes Virtuais de Aprendizagem. In: PEREIRA, Alice T. Cybis. (orgs). AVA - Ambientes Virtuais de Aprendizagem em Diferentes Contextos. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna Ltda., 2007.

Prado, M. E. B. B.; Valente, J. A. A Educação a Distância possibilitando a formação do professor com base no ciclo da prática pedagógica. In: Moraes, M. C. Educação a distância: fundamentos e práticas. OEA/MEC, Unicamp, NIED, 2002.

Prado, M. E. B. B.; Valente, J. A. A Educação a Distância possibilitando a formação do professor com base no ciclo da prática pedagógica. In: Moraes, M. C. Educação a distância: fundamentos e práticas. OEA/MEC, Unicamp, NIED, 2002.

RICCIO, Nícia Cristina Rocha; SILVA, Patrícia Rosa da; SOUZA, Emalra Pereira de. Formação de Tutores para Educação a Distância com ênfase na interatividade. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE COMPUTAÇÃO, 27, 2007, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: [s.n] 2007, p. 413-421. Disponível em: <<http://www.brie.org/pub/index.php/wie/article/viewFile/946/932>>. Acesso em: 09 nov. 2010.

RICCIO, Nícia Cristina Rocha; SILVA, Patrícia Rosa da; SOUZA, Emalra Pereira de. Formação de Tutores para Educação a Distância com ênfase na interatividade. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE COMPUTAÇÃO, 27, 2007, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: [s.n] 2007, p. 413-421. Disponível em: <<http://www.brie.org/pub/index.php/wie/article/viewFile/946/932>>. Acesso em: 09 nov. 2010.

ROQUE, G.O.B; CASTRO, S.B. **Design Didático na formação continuada em serviço de professores.** Disponível em <<http://moodle.ccead.puc-rio.br/pesquisa/wp-content/uploads/2010/07/Artigo03.pdf>>. Acesso em 20 de Abril de 2011.

ROSSATO, M. Processos de Ensino-Aprendizagem na Educação a Distância. UFPE: Recife, 2010.

SÁ, I. M. A. A educação a distância: processo contínuo de inclusão social. Fortaleza: CEC, 1998.

SÁ, I. M. A. A educação a distância: processo contínuo de inclusão social. Fortaleza: CEC, 1998.

SARTORI, A. S.; ROESLER, J. **Imagens Digitais, Cibercultura e Design em EAD.** In: III Simpósio “Falando sobre EaD”: PUC-SP/COGEAE, 2004. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/tead/n2/pdf/artigo1.pdf>>. Acesso em 20/04/2011.

Silva, C.H. et al. **A Influência da Criatividade no Design Gráfico.** In: XIV Congresso Internacional de Ingenieria Gráfica. Santander, Espanha, 2002. Disponível em <http://departamentos.unican.es/digteg/ingegraf/cd/ponencias/312.pdf>. Acesso em 20/04/2011.

SIMÕES, A. Incentivar Métodos de Estudo. Disponível em <<http://www.prof2000.pt/users/folhalcino/formar/incentiv/incmetestud.html>>. Acesso em 15/11/2010.

SIMÕES, A. Incentivar Métodos de Estudo. Disponível em <<http://www.prof2000.pt/users/folhalcino/formar/incentiv/incmetestud.html>>. Acesso em 15/11/2010.

Souza, S. Sá; Araujo, M. J. de Azevedo. A formação de tutores da educação a distância. Disponível em: <<http://www.anated.org.br/index.php/multimedia/artigos/170.html>> Acesso em: 27 out.2010.

Souza, S. Sá; Araujo, M. J. de Azevedo. A formação de tutores da educação a distância. Disponível em: Acesso em: 27 out.2010.

THOMAS, M. et al. **The Third Dimension of ADDIE: A Cultural Embrace**. In: TechTrends, Volume 46, Issue 2, 2002. Disponível em http://people.hofstra.edu/Roberto_Joseph/2002TechTrendsJoseph.pdf. Acesso em 20/04/2011.

THOMAS, T.G.; OWEN,T.R. Decision-Making by online instructors: recognizing student potential for success. In: PAACE Journal of Lifelong Learning, v. 16, pg. 73-87, 2007. Disponível em <<http://www.iup.edu/assets/0/347/349/4951/4977/10271/AA5EABD8-56DF-4F95-8FCA-5CB865796AEB.pdf>>. Acesso em 11 nov 2010.

THOMAS, T.G.; OWEN,T.R. Decision-Making by online instructors: recognizing student potential for success. In: PAACE Journal of Lifelong Learning, v. 16, pg. 73-87, 2007. Disponível em <<http://www.iup.edu/assets/0/347/349/4951/4977/10271/AA5EABD8-56DF-4F95-8FCA-5CB865796AEB.pdf>>. Acesso em 11 nov 2010.

UMSL. University of Missouri at Saint Louis. **Roadmap to Effective Distance Education Instructional Design in Distance Education**. Disponível em <<http://www.umsl.edu/services/ctl/DEID/destination3deid/deid.pdf>>. Acesso em 19/04/2011.

VIDAL, O.F.; SILVA, M.M. O tutor na educação a distância: contribuições da motivação para a aprendizagem online. In: Encontro de pesquisa em educação em Alagoas, Anais... 2010. p.1-9.

VIDAL, O.F.; SILVA, M.M. O tutor na educação a distância: contribuições da motivação para a aprendizagem online. In: Encontro de pesquisa em educação em Alagoas, Anais... 2010. p.1-9.

WEININGER, Markus J. Estudo autônomo com a ajuda de novas tecnologias no ensino comunicativo de línguas estrangeiras. In: VIIIº ENDIPE, 1996, Florianópolis. Disponível em <http://www.ced.ufsc.br/~uriel/est-aut.htm>. Acesso em 12/11/2010.

WEININGER, Markus J. Estudo autônomo com a ajuda de novas tecnologias no ensino comunicativo de línguas estrangeiras. In: VIIIº ENDIPE, 1996, Florianópolis. Disponível em <http://www.ced.ufsc.br/~uriel/est-aut.htm>. Acesso em 12/11/2010.

WISSMANN, L. Dal M. Autonomia em EaD – uma construção coletiva. In: POMMER, A. et AL., Educação superior na modalidade a distância – construindo novas relações professor-aluno. Série Textos Didáticos. Ijuí: Editora Unijuí, 2006. Disponível em <<http://www2.unijui.edu.br/~liaw/Autonomia%20em%20EaD%20.pdf>>. Acesso em 09 nov 2010.

WISSMANN, L. Dal M. Autonomia em EaD – uma construção coletiva. In: POMMER, A. et AL., Educação superior na modalidade a distância – construindo novas relações professor-aluno. Série Textos Didáticos. Ijuí: Editora Unijuí, 2006. Disponível em <<http://www2.unijui.edu.br/~liaw/Autonomia%20em%20EaD%20.pdf>>. Acesso em 09 nov 2010.